

A NOVA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E O SURGIMENTO DOS NIC'S (NEWLY INDUSTRIALIZING COUNTRIES)

OLGA LÚCIA C. de F. FIRKOWSKI *

Antes de discorrer sobre a Nova Divisão Internacional do Trabalho (NDIT), cabe salientar alguns aspectos da Velha ou Antiga Divisão Internacional do Trabalho, a fim de que as transformações ocorridas tornem-se claras.

A Velha DIT proporcionava diferentes relações de troca entre os países do mundo e, conseqüentemente, imprimia características diferentes das atuais à organização do espaço mundial.

Segundo Norcliffe (1987) a Velha DIT baseava-se na exploração de minas, "plantations" agrícolas e atividades semelhantes, cujos produtos eram enviados aos países do Norte, e destes saíam os produtos manufaturados para abastecer os países do Sul. Assim, dava-se a continuidade das relações do tipo colonial, onde a metrópole (centro) abastecia a colônia (periferia) e dela retirava os recursos disponíveis e procurados no mercado mundial.

Dessa forma, o mundo capitalista apresentava-se dividido em dois grandes grupos de países: o fornecedor de matéria-prima e o fornecedor de produtos manufaturados. A atividade industrial era privilégio de alguns poucos países, principalmente europeus, que tratavam de distribuir seus produtos pelo mercado mundial.

Essa dinâmica foi alterada após a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu uma modificação nas re-

* Profª do Departamento de Geociências da U.E.L.
Mestre em Geografia Humana pela UNESP/Rio Claro.

lações de produção internacionais, passando a existir uma Nova DIT.

O Pós Segunda Guerra apresenta-se como um marco na organização do espaço mundial. Isso se deu a partir de vários fatores, como:

- .a consolidação da hegemonia Norte Americana no contexto da economia mundial;
- .o surgimento de uma série de organismos e acordos de cooperação internacional, tanto entre países capitalistas quanto socialistas (acordos econômicos como o MCE e o COMECON e militares como a OTAN e o Pacto de Varsóvia, entre outros);
- .o renascimento de duas potências industriais abatidas pela Guerra, Japão e Alemanha que figuram atualmente, em termos de importância econômica, ao lado dos EUA, o responsável financeiro pela reconstrução dos mesmos;
- .o rápido crescimento de indústrias baseadas em novas possibilidades tecnológicas como a eletrônica, material sintético, petroquímica, farmacêutica, etc.

Outro fato importante do período foi o aparecimento da expressão Terceiro Mundo, retratando países com graves problemas de toda ordem, econômicos, sociais e políticos. Parte desses países, os africanos principalmente, só conquistaram sua independência política após os anos cinquenta, no entanto, a dependência funcional para com os países desenvolvidos se consolidava cada vez mais (Rosciszewski, 1983).

A reorganização do espaço produtivo mundial é consequência da busca de áreas mais lucrativas para investimento, haja visto os excessos de acumulação nos países desenvolvidos e a necessidade de exportar capitais. Considerando que a taxa de acumulação no sistema capitalista varia de um país para outro e de uma região para outra, novas áreas serão escolhidas para serem receptoras de capitais, áreas essas que possibilitem a otimização dos lucros. Tem-se assim, a generalização do processo de internacionalização da economia, que "é produto da acumulação de capital e do seu extravasamen-

to além das fronteiras nacionais" (Rattner, 1984:5).

A NDIT fez com que um número cada vez maior de países passassem a fazer parte do processo internacional de produção, são os Países Recentemente Industrializados, conhecidos na literatura internacional por NIC's - Newly Industrializing Countries.

Segundo Maza Zavala (1976), a etapa do capitalismo que caracteriza o Pós Guerra é a do capitalismo transnacional, que permite o deslocamento das empresas no espaço em busca de melhores taxas de acumulação, incorporando novas áreas geográficas ao sistema capitalista mundial. Desse modo a acumulação passa a ser um processo em escala mundial, com mecanismos avançados de concentração. Essa é a razão do surgimento da NDIT. Novos espaços são incorporados e novas atribuições serão impostas a cada um deles.

Com a NDIT alguns países escolhidos passaram a receber indústrias e a exportar não só produtos primários, mas também produtos industriais semi elaborados e bens de consumo. Os países centrais passaram a exportar não só máquinas e equipamentos, como também tecnologias e capitais. Dessa forma, "um grupo relevante de economias nacionais transformou-se em campo de absorção de investimentos produtivos, contribuindo para que o capital se reproduza a uma taxa de lucro mais elevada e num ritmo mais intenso. Assim, alguns países da periferia deixaram, de há muito, sua condição de exportadores de produtos primários" (Coutinho e Belluzzo, 1983:23).

A NDIT promoveu, após 1960, o aparecimento de uma nova categoria de países, os NIC's, que são países que receberam estímulos, a partir de investimentos estrangeiros, a fim de promover sua industrialização.

Segundo Norcliffe (1987), a maioria dos NIC's está no Sudeste Asiático: Coreia do Sul, Formo-

sa, Hong Kong, Filipinas, Tailândia, Singapura, Índia e Malásia. Para a América Latina, Brasil e México podem ser citados como os maiores NIC's. Via de regra, esses países representam as áreas mais desenvolvidas do Terceiro Mundo.

As principais características dos NIC's são, segundo Norcliffe (1987):

- . grande população e, conseqüentemente, grande mercado consumidor efetivo ou potencial;
- . governo favorável ao capital estrangeiro;
- . força de trabalho disciplinada e barata;
- . recursos naturais abundantes;
- . parte da produção é exportada para países desenvolvidos, e
- . investimentos centrados em indústrias de trabalho intensivo e que processam localmente os produtos primários.

Desse modo, vários países que não faziam parte do cenário industrial mundial vão surgir como importantes áreas de produção e passam a ter um papel definido no contexto internacional.

As companhias multinacionais representam a estratégia de penetração dos investimentos estrangeiros nos NIC's e, conseqüentemente, a forma pela qual a industrialização vai ser impulsionada. Constituem-se numa nova forma de distribuição da produção em escala mundial.

As multinacionais atuam não só no domínio da produção, mas também dos serviços, dispõem de elasticidade para aproveitar as condições peculiares de cada país e para maximizar a eficiência de suas atividades econômicas, pois operam a nível de economia mundial (Rosciszewski, 1983).

Dessa forma ultrapassam as fronteiras nacionais e estão presentes na maioria dos países, quer

sejam desenvolvidos ou subdesenvolvidos. São entidades mais poderosas que os Estados em função do volume de recursos que manipulam. Com as multinacionais o capitalismo passou a ter um caráter supranacional (Kucinski, 1983).

Segundo Michalet (1985), entre 1967 e 1980, a taxa de crescimento anual do fluxo de investimentos diretos no exterior dos EUA, Grã Bretanha, Alemanha, França e Japão, foi superior àquela de seus investimentos domésticos, tendo sido alguns países do Terceiro Mundo receptores de 1/4 do total de investimentos. Ainda segundo o autor, em 1978 dez países receberam 40% do total de investimentos diretos provenientes da OECD (Organização Econômica de Cooperação e Desenvolvimento). Foram eles: Brasil, 14%; México, 6.2%; Argentina, 3.5%; Malásia, 3%; Índia, 2.6%; Peru, 2.2%; Hong Kong, 1.9%; Filipinas, 1.9%; Formosa, 1.9% e Singapura, 1.8%. Nesse grupo de NIC'S encontram-se desde países com vasto mercado efetivo ou potencial, como é o caso do Brasil, México e Índia, até pequenos países considerados como zonas de exportação, como por exemplo, Hong Kong e Formosa.

Destaque-se que a nível de investimentos os capitais destinados ao Terceiro Mundo tem pequenas proporções, no entanto, se considerada a ação desses investimentos a nível de economia de cada país, são capazes de promover importantes alterações.

A base do crescimento econômico dos NIC's é a industrialização, fundamentada nos investimentos externos. Segundo Dicken (1988) a implantação de indústrias nos NIC's pode seguir três tipos de estratégias: 1. processamento local da matéria-prima; 2. industrialização por substituição de importações, e 3. industrialização voltada para exportação.

Cada uma delas irá se adequar às condições específicas de cada país.

Assim, os NIC's passaram a conquistar espaço no âmbito da economia mundial, utilizando-se de diferentes estratégias a partir do capital externo a fim de inserir-se no contexto internacional de produção; tanto que entre a década de 50 e de 70 o grupo de países do Terceiro Mundo elevou sua participação relativa no conjunto mundial, havendo sensível alteração no percentual de participação de cada grupo de países na produção industrial mundial. Assim, segundo Dicken (1988), o grupo dos países de economia de mercado desenvolvida reduziu sua participação de 72% para 65%, o grupo dos países de economia planificada aumentou sua participação de 23% para 26% e, finalmente, o grupo dos países de economia de mercado em desenvolvimento (Terceiro Mundo), dobrou a sua participação, crescendo de 4,8% para 9%.

Dessa forma, nota-se a evolução da importância econômica dos principais NIC's no contexto mundial, após a década de 70, evolução essa que coloca, por exemplo, o Brasil em sétimo lugar entre os países de economia de mercado, considerando o valor adicionado da indústria em 1980, e que, no entanto, não reflete as condições socio-econômicas internas, a grande concentração de renda e, principalmente, os custos sociais para alcançar tal posição, ou seja, para se integrar à Nova Divisão Internacional do Trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- COUTINHO, L.; BELLUZZO, L. G. Desenvolvimento capitalista no Brasil (Ensaio sobre a crise). São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DICKEN, P. Global shift. Industrial change in a turbulent world. London: Paul Chapman Publishing, 1988.
- KUCINSKI, B. O que são multinacionais. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MAZA ZAVALA, D. F. Orígenes y características de la crisis capitalista actual. Problemas del desarrollo. Revista Latino Americana de Economía, México, v.26, p. 23-48, 1976.
- MICHALET, C. A. Les multinationales face a la crise. Paris: PUF, 1985.
- NORCLIFFE, G. B. The industrial geography of the third world. In: LEVER, W. F. Industrial change in the United Kingdom. England: Longman Scientific e Technical, 1987. p. 249-283.
- RATNER, H. Transnacionalização do capital e organização do espaço. In: Repensando o Brasil pós 60. Espaço e Debates. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 13.
- ROSCISZEWSKI, M. Facteurs d'evolution de l'économie mondiale. Facteurs de création de l'espace mondiale. Bulletin Trimestral de la Societé Languedocienne de Géographie, v. 17, n. 1-2, p. 287-307, 1983.